

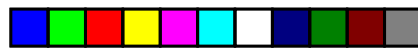
## PREFÁCIO

**“EU NÃO ACREDITO EM BRUXAS, MAS QUE ELAS EXISTEM, EXISTEM!”**

As bruxas e os pagãos são muitas vezes confundidos com satanistas. Este livro certamente vai ajudar a desmistificar essa confusão. Os pagãos ou neopagãos praticam uma religião que invoca forças da natureza, em que não participa a figura de Satã, que é um anjo que se tornou o Diabo na bíblia judaico-cristã. Representação personificada do mal, “Inimigo” por excelência, Satanás foi “ganhando os chifres” dos deuses dos outros em sua iconografia e se tornando historicamente explicação, pelas igrejas e pelos estados cristãos, para o controvertido mal dos seus hereges e inimigos - por causa dele torturados e eliminados.

Este é um livro sobre a Wicca e trata, pois, do neopaganismo, da bruxaria. Falar de paganismo é, ao mesmo tempo, um exercício de desconstrução do imaginário cristão vigente em nosso mundo, que associou o habitante dos “pagus”, dos campos, com o praticante das religiões indígenas da Europa: “pagãos”, cultuadores das forças naturais. Falar de bruxaria, de rituais das sacerdotisas ou “feiticeiras” dessas religiões tradicionais ou primais, traz à nossa mente o velho dito popular castelhano, que dissimula o contexto inquisitorial onde não se devia acreditar em bruxas - embora se reconhecesse a sua força mágica para a cura e para o desenvolvimento pessoal.

O livro *A Wicca no Brasil*, de Karina Bezerra, trata então dessas coisas, da recriação moderna do paganismo e da revoada de bruxas pelo Atlântico. Pois a religião Wicca teve início na década de cinquenta do século XX na

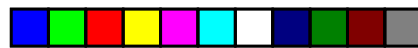


**Karina Oliveria Bezerra**

Inglaterra e, a partir daí, espalhou-se por diversos países, chegando à América e ao Brasil, onde o movimento wiccano se encontra consolidado - embora seja pouco conhecido e menos ainda estudado. Há também outras tradições desse novo paganismo, como o Druidismo e o Heathenismo ou Ásatrú, porém a mais conhecida é a Wicca: bruxaria, magia, A Arte, A Religião Antiga. Aí se realça, como seres “reais” ou então simbolismos de forças naturais e humanas, a noção de uma Deusa da fertilidade e de seu consorte, o Deus Chifrudo das florestas - sendo que o chifre então era sinal de poder.

A Wicca exalta, assim, o respeito e a celebração da natureza, nos ritmos das estações e nos ciclos da vida, e defende que essa harmonia nos torna aderentes à Arte, iniciados na magia, no crescimento espiritual. Mas pesa sobre ela um mundo de preconceito e intolerância. Basta lembrar que no missal romano antigo, éramos convidados a rezar todos os dias pelos católicos e somente uma vez ao ano pelo resto da família humana: na sexta-feira santa. Nesse dia se rezava, entre outros, pelos “pagãos”, pensando-se nos adeptos das outras religiões do mundo. E se pedia “que o Deus Todo-poderoso retire a iniquidade dos seus corações e que, deixando seus ídolos, eles se voltem para o verdadeiro Deus, o Deus vivo, e para o seu Filho”.

Mas desde os passados anos sessenta que a teologia cristã vem se deixando informar pela história e pela antropologia, de forma que surgiram movimentos de diálogo inter-religioso e, ao contrário da tese exclusivista “Fora da Igreja não há salvação”, ou melhor pontuando a tese inclusivista “Fora do Cristo não há salvação”, muitos cristãos defendem hoje que “Fora do mundo não há salvação”: quem profana este mundo e as suas criaturas, de quaisquer culturas



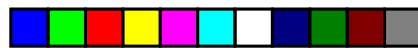
### Wicca no Brasil

ou crenças, comete um pecado contra o Criador. De forma que não são as doutrinas que nos tornam mais saudáveis, mas a mística e a ética geradas entre e para além delas. Contudo, às vezes, na prática, a teoria é outra e os fundamentalismos religiosos são hoje reavivados por (e para) populismos políticos identitários e reacionários.

Aqui aparece o grande mérito do livro de Karina, resultante de sua pesquisa no mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, pois ele amplia o conhecimento da dinâmica social da Wicca e do paganismo tupiniquins, descortinando perspectivas interessantes para a compreensão dos novos movimentos religiosos brasileiros. O trabalho, que ajuda a entender e, portanto, a respeitar a dignidade desse caminho espiritual, buscou identificar entre os praticantes da Wicca, em especial da Região Metropolitana do Recife, tanto solitários quanto membros de grupos, os meios pelos quais, e as motivações que levaram ao ingresso e permanência dos mesmos na religião.

Para isso, e com o mérito de ensaiar uma metodologia transdisciplinar, foi feito um estudo do desenvolvimento histórico da Wicca desde a Inglaterra e passando pelos Estados Unidos, assim como uma análise documental e de história oral da religião no Brasil, além de uma descrição fenomenológica do movimento wiccano no Grande Recife, a fim de construir um panorama para a análise de conteúdo das entrevistas. A interpretação dos dados obtidos nos questionários e entrevistas apoiou-se, então, no conceito de “escolha racional”, desenvolvido na sociologia da religião de Stark e Bainbridge.

Em tempos de modernidade globalizada, com grandes possibilidades tecnológicas e enormes dificuldades de



**Karina Oliveria Bezerra**

relações entre grupos humanos e destes com a natureza, as pessoas tendem a ficar mais egoístas, no sentido de ouvir mais a própria intuição. Paradoxalmente, isso leva à busca por uma espiritualidade maior e uma melhor compreensão do significado da vida, o que pode inclusive redefinir e ampliar os nossos limites éticos. Será, então, que vamos assistir à ascensão de divindades ecológicas e planetárias e de uma “nova consciência” espiritual? Ou, ao invés, as crises culturais e econômicas que atravessam o planeta, levarão também no Brasil a uma politização de ortodoxias moralistas e sob pressão de potências mundiais?

O livro de Karina, ao aprofundar particularmente um fenômeno universal, pode nos ajudar a pensar melhor sobre essas tendências da religiosidade, entre nós e alhures. Fruto de afã acadêmico, transborda agora em engajamento público pelo direito à crença esclarecida, pelo respeito à existência de quem ainda hoje é desacreditado e satanizado, pela veneração à diversidade religiosa de nossas cidadãs e cidadãos.

**GILBRAZ ARAGÃO**

Pesquisador e professor nos Programas de Pós-graduação em Teologia e em Ciências da Religião da UNICAP. Coordenador do Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife.